

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ-UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

DELMIRA MARQUES DE SOUSA

GÍRIA: Onde a Identidade Resiste ao Preconceito

PICOS-PI

2014

DELMIRA MARQUES DE SOUSA

GÍRIA: Onde a Identidade Resiste ao Preconceito

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras-Português, da Acadêmica Delmira Marques de Sousa, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros

PICOS-PI

2014

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

S729g Sousa, Delmira Marques de.
Gíria: onde a identidade resiste ao preconceito/ Delmira Marques de Sousa. – 2014.
CD-ROM : il; 4 ¾ pol. (51 p.)

Monografia(Licenciatura em Letras-Português) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.
Orientador(A): Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros

1. Gírias. 2. Identidade. 3. Léxico. 4.Linguagem Popular I.
Título.

CDD 469.07

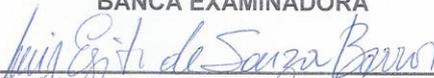
DELMIRA MARQUES DE SOUSA

GÍRIA: Onde a identidade resiste ao preconceito

Aprovada em: 12 / 08 / 2014

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras-Português, da Acadêmica Delmira Marques de Sousa, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Luiz Egito de Souza Barros (UFPI)
(Orientador)



Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento (UFPI)



Prof. Me. Luciana de Aquino (UFPI)

Dedico este trabalho aos meus pais **João** e **Aldenira**, e a toda a minha família, por todo o apoio e compreensão ao longo desses quatro anos de estudo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e por ser meu refúgio nos momentos de desânimo, nunca deixando que eu desistisse dos meus sonhos.

Ao meu pai João, principal fonte de inspiração e exemplo, sempre me guiando pelo melhor caminho com seu amor e compreensão. A minha querida mãe Aldenira, com sua paciência e amor, estando ao meu lado sempre.

Ao meu orientador e amigo Luiz Egito, que durante esses quatro anos de estudo e principalmente na confecção desse trabalho sempre esteve disposto a me ajudar, com sua paciência e incentivo. Obrigado por ser esse mestre que sempre admirei e que levo como exemplo a ser seguido em minha docência.

Ao meu amigo e irmão Italo que com suas palavras e brincadeiras tornou minha vida bem mais feliz.

A minha vó Ana (em memória) e minha tia Bia, “minhas mães de coração” que sempre me apoiaram, me deram conselhos e sempre torceram por essa conquista.

A toda a minha família e amigos, em especial as minhas queridas amigas da UFPI, pelos momentos de descontração e por sempre acreditarem que eu fosse capaz.

Aos meus professores da UFPI, em especial a Carlos Lírio, que despertou em mim o gosto pelas Letras e pelo magistério.

*A gíria que o morro criou
Bem cedo a cidade aceitou e usou.
Essa gente hoje em dia
Que tem a mania de exibição
Não se lembra que o samba
Não tem tradução no idioma francês.
Tudo aquilo que o malandro pronuncia
Com voz macia
É brasileiro,
Já passou de português. (NOEL ROSA
apud. Preti, 2004, p.75-76)*

RESUMO

A presente pesquisa pretende identificar a presença de gírias em várias esferas sociais e diversas instâncias comunicativas, a saber: fala de jovens, falas presentes em programas de entretenimento, fala de personagens de seriado de TV e na escrita, tanto em revistas como em um jornal de circulação estadual. Com esta análise pretende-se mostrar que, apesar do preconceito, a gíria está presente nas diversas formas de comunicação, bem como em diferentes meios. Verificaremos também os vários processos de construção do vocabulário gírio, mostrando de que modo ele contribui para a construção da identidade do falante e para o enriquecimento do léxico. O trabalho tem como base a Teoria Sociolinguística, além da contribuição de outras áreas como a Análise do Discurso e a Lexicologia. A pesquisa é de caráter qualitativo, pois, busca através da coleta de dados, com a gravação das falas do grupo de jovens (JAVC), de programas televisivos, Esquenta e O Caçador e da coleta em textos escritos na revista Época, Atrevidinha e do jornal O Dia, demonstrar que todos os níveis sociais, seja na fala ou na escrita, nos níveis de maior ou menor status, de acordo com os propósitos comunicativos fazem uso do vocabulário gírio. Os resultados da análise mostram uma grande quantidade de gírias presentes tanto na fala como na escrita das fontes em estudo. Dessa forma fica evidenciado na pesquisa que a gírias contribuem para o enriquecimento do léxico, principalmente para a linguagem popular, uma vez que passam pelos mesmos processos de estruturação, constituindo uma linguagem informal, cotidiana e variável, o que não a torna menos importante. E ainda deixa clara a contribuição destas para a identidade daqueles que as utilizam, pois, atrás de cada palavra pronunciada haverá sempre uma intenção, uma ideologia. O trabalho está embasado em teóricos como Bagno (2002/2003), Faraco (2008), Monteiro (2000), Orlandi (2010), Preti (1984/2004), Rector (1994), entre outros.

PALAVRAS-CHAVES: Gírias. Identidade. Léxico. Linguagem Popular.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 SOCIOLINGUÍSTICA	13
2.1 Língua e sociedade	13
2.2 Variação linguística: comunidade de fala	16
2.3 As gírias e o preconceito linguístico	18
2.3.1 Gírias, jargões e neologismos	23
2.4 O discurso da gíria e a identidade social	25
2.5 As gírias e o enriquecimento do léxico	27
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	30
4 DELIMITAÇÃO E LEVANTAMENTO DO CORPUS	30
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	33
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS.....	48
ANEXOS	50

1 INTRODUÇÃO

A linguagem é considerada, por muitos, como um princípio de classificação social. Por vezes o falante é discriminado de acordo com a sua maneira de falar, por causa das expressões e palavras que usa, já que os usos da língua estão diretamente ligados à classe social a que o falante pertence. “Aceitamos que os outros (os que falam outra língua) falem diferente. Mas não aceitamos pacificamente que os que falam ou deveriam falar a mesma língua falem de maneira diferente” (POSSENTI, 1996, p. 29).

A partir do momento que novas formas são aceitas pelas classes com um maior status, passam a fazer parte de uma linguagem valorizada. Isto nos leva a perceber que, na verdade, o que sofre estigmatização não é as variantes linguísticas, mas quem as utiliza.

A gíria, foco de nosso estudo, e que constitui um vocabulário presente na diversidade linguística, “é usada basicamente como forma de expressão, que tem a finalidade de infringir normas, de construir a identidade linguística e social do falante, além de diferenciar o vocabulário de grupo em relação aos demais”. (PRETI, 2004). As gírias são desvalorizadas principalmente pelas camadas mais altas da sociedade, por estas terem a noção de que o falante, ao fazer uso desse tipo de vocabulário está empregando uma linguagem errônea ou proibida, quando na verdade, não há uma linguagem melhor ou pior que a outra, visto que todos os falares são capazes de atender às necessidades comunicativas de seus usuários.

A gíria é uma variante estigmatizada pelas classes dominantes, como forma de discriminar os sujeitos que a defendem e a utilizam. Tais classes, por ocuparem uma posição privilegiada, se consideram detentoras da variedade correta, padrão da língua e, assim, perseguem os ditos “transgressores” que não seguem essa visão de “linguagem modelo”. Dessa forma, gera-se o preconceito e a ridicularização por parte das classes dominantes em relação aos grupos dominados.

O preconceito linguístico tem sido um ponto bastante discutido na área da sociolinguística, pois ainda existem diretrizes em torno do conceito de vocabulário certo/errado em relação à norma culta. Tais atitudes discriminatórias usam a linguagem empregada pelos falantes como mero instrumento de exclusão social.

Para as classes dominantes, de nada importa a norma estabelecida pelos grupos específicos, mas apenas aquelas por eles tidas como corretas, ou seja, como padrão linguístico ou norma de prestígio. Segundo Soares (apud. Souza, 2009, p.2), “o que se considera “errado” não é linguisticamente melhor nem pior do que se considera “certo”; é apenas aquilo que difere da norma de prestígio, socialmente privilegiada”, fugindo apenas dos padrões pré-estabelecidos pelas massas elitizadas.

Tendo em mente compreender melhor o preconceito linguístico em torno das gírias, o presente trabalho busca responder ao seguinte problema: De que modo as gírias, mesmo desprestigiadas pelas classes elitizadas, contribuem para o enriquecimento do léxico, bem como para a construção da identidade dos seus usuários?

Considerando-se que esta variante reflete tão fielmente a realidade social dos seus falantes, bem como a dinamicidade das línguas, as gírias, como todas as variantes linguísticas, contribuem para a evolução da língua, já que constituem o reflexo da diversidade social, construindo sujeitos, ideologias e discursos com os mais diferentes sentidos e finalidades. Seus usuários buscam através delas impor seu discurso, não apenas como algo extravagante ou instrumento de autodefesa, mas buscando agir sobre o mundo e delimitando seus espaços na sociedade.

Diante desse poder de manifestação discursiva, já que as gírias constituem um instrumento de autodefesa e imposição de seus usuários, acabam por levantar críticas, questionamentos e preconceitos, por parte das classes dominantes, pois tais variantes linguísticas, tão diferenciadas, rompem com a norma culta estabelecida.

Essas classes dominantes, por sua vez, menosprezam aqueles que desrespeitam tais normas, como se os usuários das gírias fossem, de um modo geral, “rebeldes” que quisessem apenas gerar conflitos, quando, muitas vezes, esse tipo de linguagem foi a única a que tais grupos tiveram acesso.

Os grupos que fazem uso das gírias as empregam por terem a necessidade de facilitar a comunicação entre falantes com os mesmos interesses, de maneira exclusiva, de expressar suas particularidades e de diferenciar seus usuários dos demais falantes. A gíria ainda instiga a curiosidade de muitos ao redor dela, por construir um vocabulário próprio, fazendo uso da linguagem a que todos tem acesso, mas com conotações diferentes.

Do ponto de vista linguístico, a gíria não é diferente na construção de seu vocabulário, pois utiliza as mesmas palavras, passando pelos mesmos processos de alterações fonético-fonológicas, de construções morfológicas, na sintaxe e nos demais aspectos da comunidade linguística. Na maioria dos casos, ocorrem apenas mudanças de significados para os mesmos significantes, como por exemplo, quando se usa o vocábulo “*barraco*” que tem seu significado inicial referente a “*moradia*”. No entanto, na expressão “*ela fez o maior barraco*” seu significado passa a referir-se a briga, confusão.

Em alguns casos, as gírias rompem apenas com a norma, que diz respeito ao que é bem aceito ou não pelo grupo, sem necessariamente fugir ao sistema linguístico. Para Faraco (2008, apud. Souza, 2009, p.56), “um mesmo falante (...) domina mais de uma norma (já que a comunidade sociolinguística a que pertence tem várias normas) e mudará sua forma de falar (sua norma) variavelmente de acordo com as redes de atividades e relacionamentos em que se situa”.

Assim, o presente trabalho tem por objetivo principal compreender os motivos que levam o meio mais prestigiado a ter preconceito em relação ao uso das gírias, como também, de que forma elas contribuem para o enriquecimento do léxico e a construção da identidade de grupo.

O trabalho tem ainda como objetivos específicos a) Identificar de que forma as gírias contribuem para a construção da identidade linguística e social; b) desmistificar as gírias como um vocabulário referente apenas a variantes de mais baixo prestígio social; c) identificar de que modo as gírias contribuem com a construção e enriquecimento da linguagem popular.

Nesta pesquisa, fez-se uma análise do *corpus* com base na teoria sociolinguística. O universo da pesquisa se constitui de: a) um grupo de jovens de São José do Piauí, dos quais gravamos falas espontâneas; b) programas de televisão, cujos participantes tiveram suas falas gravadas; c) seções de revistas e jornais impressos, de onde foram extraídas manifestações de gírias.

O trabalho foi estruturado em três capítulos, assim distribuídos: No primeiro, são abordados os fundamentos em torno da sociolinguística e a importante relação entre língua e sociedade, a variação linguística e a formação de comunidades de fala, embasados em conceitos de vários estudiosos sobre as gírias. Ainda neste capítulo encontram-se os seguintes subtópicos: a) as atitudes dos falantes em relação à gíria e a caracterização das várias manifestações e tipos de gíria; b) a

contribuição da gíria para a construção da identidade social dos falantes, além das manifestações ideológicas presentes nesse vocabulário; c) a contribuição da gíria para o enriquecimento do léxico, mais especificamente, da linguagem popular.

O segundo capítulo descreve a metodologia utilizada para a realização da pesquisa sobre as gírias, destacando os seguintes pontos: a) delimitação do universo da pesquisa; b) caracterização dos sujeitos e fontes da pesquisa; c) coleta dos dados; d) análise dos dados. O terceiro capítulo constitui a análise do *corpus* e, por último, serão apresentadas as apreciações finais.

É fundamental que possamos perceber a importância das gírias, presentes nas comunidades e situações comunicativas. Nas periferias, nas conversas informais e até formais, pois esse enorme leque de variações, que fogem à norma culta, constitui o verdadeiro uso da língua, na sua forma mais expressiva. Pois, “o juízo mais seguro será sempre aquele fundado na observação sistemática do uso. Isso porque a língua está viva na boca e não nas mãos dos falantes” (FARACO, 2008, apud. Souza, 2009 p.56).

2 SOCIOLINGUÍSTICA

2.1 Língua e Sociedade

A sociolinguística é um ramo da linguística voltado para os estudos em torno da relação existente entre língua e sociedade. Ambas, são duas realidades que se complementam, sendo impossível a existência de uma sem a outra. A sociolinguística busca compreender o comportamento social que o uso das variedades linguísticas pode provocar.

Na realidade não constitui nada de novo dizer que a língua e a sociedade são duas realidades que se inter-relacionam de tal modo, que é impossível conceber-se a existência de uma sem a outra. Com efeito, a finalidade básica de uma língua é a de servir como meio de comunicação e, por isso mesmo, ela costuma ser interpretada como produto e expressão da cultura de que faz parte (MONTEIRO, 2000, p.13).

Ao tentar entender de que forma a sociedade influencia a língua, percebe-se que para a construção e desenvolvimento das estruturas linguísticas, o importante não é apenas o contexto social onde se desenvolve, mas também o tempo, pois, ao passo que uma sociedade evolui, sua linguagem também experimenta mudanças, já que é impossível a separação entre língua e sociedade.

As análises do contexto social em que a língua é utilizada vieram demonstrar que muitos elementos da estrutura linguística estão implicados na variação sistemática que reflete tanto a mudança no tempo, quanto os processos sociais extralinguísticos (LABOV, apud. Monteiro, 2000, p. 13).

Com o passar do tempo, a sociedade se transforma trazendo também para a língua mudanças e renovações, já que é produto social e pilar para construção da mesma sociedade em que se encontra. A língua, sofre influências de outros fatores extralinguísticos como cultura, condições econômicas, classe social, escolaridade, entre outros. Todos esses fatores interferem na hora em que o falante escolhe a variante linguística a ser utilizada e em que ocasião empregar.

Segundo Rector (1994, p. 28) “através da língua os pensamentos se transformam numa realidade palpável por meio dos signos. Quando dois indivíduos conhecem os mesmo signos podem interagir e se comunicar, transmitindo mensagens”. Por isso a linguagem é a expressão mais comum aos atos sociais dos falantes, é por meio dela que as pessoas se comunicam, se expressam, criam sua identidade linguística e se desenvolvem.

A linguagem enquanto vernáculo, constitui, determina e materializa os pensamentos e ideais diante a realidade social dos falantes. Tarallo define então o vernáculo, ou seja, a língua falada como:

(...) A língua falada é o vernáculo: a enunciação e expressão de fatos, proposições, idéias (o que) sem preocupação de como enunciá-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao como da enunciação. Essas partes do discurso falado, caracterizadas aqui como vernáculo, constituem o material básico para a análise sociolingüística. (TARALLO,1997, apud. Silva e Barbosa, 2010, p.237).

A língua falada é a expressão dos pensamentos, dos acontecimentos reais, no seu cunho menos elaborado, pois a maioria dos falantes, dependendo da situação, não se preocupa em seguir as regras ditadas pela norma culta, tornando-se algo mais espontâneo em que os sujeitos, na maioria das vezes, não se policiam tanto na hora de falar, como na hora de escrever.

É por meio da língua que os membros de uma mesma sociedade se comunicam, se relacionam, passam a constituir sua comunidade linguística e suas comunidades de fala, envolvendo nessa construção além de fatores linguísticos, fatores sociais, ideológicos e normativos.

Segundo Preti (apud. Rector, 1994, p.28), “a língua torna-se suporte de uma dinâmica social”, ou seja, uma atividade contínua e criativa que varia e evolui a partir do uso pela sociedade. A variação se dá de acordo com fatores sociais que envolvem os sujeitos (falantes), as relações (comunidades/grupos) e as situações de uso linguístico.

A forma como os falantes fazem uso da língua é responsável pelo seu lugar na sociedade, criando assim princípios que determinam o próprio e o impróprio em relação ao seu uso. Para Bakhtin (apud. Alkimim, 2001, p.127) “a verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal em que

o ser humano é inconcebível fora das relações que o ligam ao outro”, de modo que o usuário possa perceber as mais variadas formas linguísticas, como um fator de enriquecimento da língua/vocabulário de grupo (no caso das gírias) e não com uma visão preconceituosa, que faz da língua um fator de exclusão social.

A sociolinguística prega que todas as línguas são heterogêneas, já que seus usos são condicionados por fatores externos, o que faz com que elas estejam em constante variação. Monteiro (2000, p. 14) acredita que “o discurso da maioria dos indivíduos não constitui um sistema coerente e racional, desde que é marcado por numerosas contradições e alterações”.

A língua por ser uma atividade social, instrumento de comunicação, não deve ser condicionada a um conjunto de regras que rege o emprego considerado “correto” pela gramática normativa em detrimento da adequação ao uso, pois essas mesmas regras são responsáveis pelo surgimento de proposições preconceituosas, que excluem socialmente o falante que não segue tais padrões linguísticos. Há estudiosos que definem a língua como instrumento de análise e interpretação da sociedade.

A língua contém a sociedade e por isso é o interpretante da sociedade. Esse papel de interpretante é garantido pelo fato de que a língua é “o instrumento de comunicação que é e deve ser comum a todos os membros da sociedade”, possibilitando assim, “a produção indefinida de mensagens em variedades ilimitadas” (BEVENISTE, apud. Alkimim, 2001, p. 27).

Cada falante tem o direito de escolher que linguagem empregar e mesmo que escolha formas, não só mas também, mais padronizadas, estas por sua vez, em algum dado momento passam por processos de variações. Podemos perceber então, que a língua e suas variações são inseparáveis, pois, os falantes, ao interpretarem a sociedade de modos diferentes, por meio da linguagem utilizada, constituem assim, variedades linguísticas, consciente ou inconscientemente.

Na relação entre língua e sociedade o mais importante é que possamos compreender que para a existência de ambas, é necessário, sem dúvidas, o papel dos falantes, dos grupos, das comunidades linguísticas, pois estas, só se constroem no processo de interação. “Sem a presença do outro não se desenvolve a linguagem e ela é centralmente desenvolvida em condições de socialização. O ser linguístico

que somos define-se como ser social e não se dá a não ser nessa condição” (MARCUSCHI, apud. Souza, 2009, p 76-7).

2.2 Variação linguística: Comunidade de fala

Todas as oscilações na linguagem constituem a variação linguística, objeto de estudo da sociolinguística, que busca mostrar a língua não como um simples veículo para se transmitir informações, mas como um meio de se estabelecer e manter relações entre as pessoas a partir do ato comunicativo. Para Tarallo a variação linguística pode ser vista do seguinte ponto:

[...] O “caos” basicamente se configura como um campo de batalha em que duas (ou mais) maneiras de dizer a mesma coisa (doravante chamadas “variantes lingüísticas”) se enfrentam em um duelo de contemporização, por sua subsistência e como existência, ou, mais falisticamente, em um combate sangrento de morte (TARALLO, 1997 apud. Silva e Barbosa, 2010, p. 236).

As inúmeras possibilidades linguísticas de dizer a mesma coisa de modos diferentes e a percepção desse enorme leque de opções é essencial para que os falantes construam uma postura aceitando as variedades eminentes da língua sem nenhum tipo de preconceito aos diferentes usos linguísticos dos seus. Gnerre (apud. Alkimim, 2001, p.39) acredita que “uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”.

Nos meios sociais existem variedades de prestígio e variedades não prestigiadas. As variedades de prestígio constituem a variedade padrão (norma culta). Essa variedade prestigiada, segundo Alkmim (2001), corresponde ao ideal da homogeneidade em meio à realidade concreta da variação linguística, através do “bom uso da língua”, enquanto que as variedades não prestigiadas correspondem a esse “uso real da língua”.

As variações linguísticas podem ser divididas em diversas dimensões, entre elas: A variação diatópica, a variação diacrônica, a variação diafásica e a diastrática.

A variação diatópica corresponde aos dialetos regionais, a partir de variantes geográficas ligadas ao emissor, ou seja, ao falante. A variação diacrônica constitui

variantes que se estabelecem a partir de mudanças na língua no decorrer do tempo, normalmente ligadas à idade do falante (idosos >jovens).

A variação diafásica, presente em nosso estudo, está ligada ao contexto e ao receptor, relacionada a fatores contextuais, como assunto, lugar, diálogo, entre outros aspectos e à imagem que o falante constrói de seu interlocutor.

A variação diastrática, também presente em nosso trabalho, está ligada à identidade social do falante, correspondendo a dialetos sociais em relação a características como idade, sexo, raça, classe social. Para Preti (2003, p. 26), “as variações socioculturais podem ser influenciadas por fatores ligados diretamente ao falante (ou ao grupo a que pertence), ou à situação, ou a ambos simultaneamente”.

Cada falante adquire variações de acordo com o seu contexto social (idade, sexo, classe social, etc.). Não há variedades inferiores ou superiores, pois a heterogeneidade linguística reflete a multiplicidade de escolhas que cada falante possui em torno da língua, sendo condição do próprio sistema linguístico.

A partir de todas essas variedades da língua constituem-se as comunidades de fala, que têm como principal papel unir os falantes que possuem as mesmas variações e atitudes linguísticas. Monteiro (2000), interpretando os dizeres de Labov, considera a comunidade de fala como um grupo de pessoas que não compartilham necessariamente a mesma língua, mas compartilham um conjunto de normas e regras para o uso dela, sendo suas fronteiras de caráter social.

As comunidades de fala estão associadas aos falantes que possuem cultura, religião, classe social, idade, profissão e principalmente variantes linguísticas em comum, estes, estabelecidos pelos próprios usuários, sendo muito difícil a demarcação territorial, visto que essa linguagem de grupo, muitas vezes, ultrapassa limites pré-estabelecidos. Para Romaine (apud. Monteiro, 2000, p. 41), “as fronteiras entre as comunidades de fala são essencialmente mais de caráter social do que linguístico”.

A variação linguística é muito importante, pois é por meio dela que as línguas se enriquecem e se renovam, construindo suas comunidades de fala, em que estas tornam-se responsáveis por unir os falantes com objetivos linguísticos e sociais em comum. O mesmo ocorre com as gírias, símbolo de união para aqueles que buscam se unir não somente por interesses linguísticos, mas também ideológicos.

Dessa forma, é importante que todos os falantes percebam e valorizem as variações linguísticas, presentes em sua linguagem, dando o real valor que elas

possuem. Pois mesmo que o preconceito, em relação a elas se consolide, as variações linguísticas sempre irão existir.

2.3 As gírias e o preconceito linguístico

Na perspectiva da Sociolinguística variacionista, a gíria, sendo uma variação diastrática, segundo Alkimim (2001, p.35), “relaciona-se a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala”. Essa variante surge inicialmente com o propósito de criar uma linguagem cifrada, na defesa de classes, tendo como principal objetivo o de construir um vocabulário diferenciado em relação aos demais grupos, como símbolo de identificação social.

As gírias dos jovens, por exemplo, na visão de muitos, vem refletir a insegurança nessa fase de transição, as insatisfações em meio à realidade social, a busca pelo reconhecimento e pelo próprio espaço e o desejo de se destacar e de quebrar tabus. Esse tipo de vocabulário não está ligado apenas aos jovens, mas a todas as faixas etárias e níveis sociais, chegando até mesmo às instituições educacionais. Para Preti (2004, p.102):

A gíria é um dos recursos mais expressivos desse contexto social, principalmente para transmitir os sentimentos de rebeldia, insatisfação, agressividade, não raro, por meio de sua ironia e humor. E não é por casualidade que sua origem está ligada aos grupos marginais, aos grupos jovens ou até adolescentes, aos grupos estudantis ou a todos os grupos desejosos de marcar sua oposição (quando não, sua hostilidade) em relação aos comportamentos padronizados.

A gíria constitui assim, novas atitudes linguísticas, na quebra da formalidade, com propósitos particulares de seus usuários. Entender esse vocabulário é compreender as reais finalidades e intenções dos que o utilizam, já que acompanha as necessidades da comunidade de fala, desde transformações no meio social até as atitudes comportamentais.

Segundo Rector (1994, p. 83) “A gíria é a linguagem popular no seu cunho mais expressivo. É também a linguagem nova, na sua fase mais elaborada”. Dessa forma, a gíria classifica-se em dois grupos: Gírias de grupo e Gírias comuns.

As gírias de grupo, sendo instrumento de autoafirmação da comunidade que as usa, constituem uma linguagem própria, restrita, especial, tornando-se “signo de grupo” daqueles falantes, por estar estritamente ligada à cultura e ao contexto social. Seus usuários as empregam com o intuito de se comunicarem sem que haja o entendimento dos demais falantes, externos ao grupo. Assim, as gírias de grupo passam a constituir uma linguagem que desenvolve papéis específicos no ato da conversação (PRETI, 2004).

Com o tempo as gírias deixam de ser secretas, tornando-se do conhecimento de todos. Passam a ser reconhecidas agora como gírias comuns, fazendo parte de uma linguagem mais popular, vocabulário simples, informal, empregado no cotidiano por todos os falantes nas mais variadas situações comunicativas e de fácil acesso. “O uso da gíria comum transmite uma impressão de modernidade, de identidade com ideias e comportamentos novos” (PRETI, 2004, p. 92).

A gíria, principalmente a de grupo, é o principal pilar na construção da identidade de seus falantes, que usufruem desse vocabulário com prazer/orgulho em poder dispor de um discurso que difere dos demais. Essa linguagem em constante renovação, influencia as mudanças que ocorrem no contexto social dos grupos que as utilizam. “Para Pontes a mudança na linguagem e a mudança sociocultural estão intrinsecamente ligadas” (PONTES, 2011, p.124).

As gírias, sejam elas de grupo ou comum, por constituírem mudanças na linguagem e mudanças socioculturais acabam por levantar a fúria e o questionamento daqueles que defendem a variante culta como a única e o real padrão linguístico a ser seguido por todos os falantes.

Para Faraco (2008, apud Souza, 2009)) a variante culta, considerada “correta” não leva em conta a relação existente entre a linguagem empregada pelo falante e o contexto social em que ele está inserido, muito menos, as intenções por trás do emprego dos vocábulos escolhidos, alterando a forma como são vistos no meio social mais prestigiado, que em nada contribuem suas particularidades em torno de suas atitudes comunicativas, gerando assim, o preconceito linguístico.

As classes elitizadas buscam por meio da linguagem culta ridicularizar e dominar as classes menos favorecidas, já que estas, na maioria das vezes, principalmente na forma falada, fogem à norma padrão. O topo da pirâmide usufrui da linguagem como um instrumento de poder, gerador de preconceito em relação aos diferentes usos linguísticos, empregados nas situações comunicativas do dia-a-

dia que diferem daquelas já padronizadas nas gramáticas e escolas. Para Bagno (2003, p. 40):

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe, uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicadas nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”.

A grande questão em torno do preconceito linguístico, em relação às gírias, se dá pelo fato de ser um vocabulário que quebra com a formalidade, indo contra os preceitos linguísticos já padronizados, fugindo da norma culta, principalmente por estarem associadas a classes desvalorizadas, marginalizadas, violentas, na base da pirâmide econômica e social, isso de acordo com a visão culta.

A maioria dos sujeitos que possuem um status mais elevado e que se consideram superiores aos demais na sociedade, desvalorizam a gíria, concebendo-a como uma linguagem de gente inculta, estereotipada, quando na verdade, ela se espalha rapidamente e passa a ser do uso comum de todos. As classes dominantes se consideram detentoras do poder reduzindo a liberdade daqueles que não se encaixam aos padrões linguísticos por eles padronizados.

[...] qual a modalidade de comunicação pode/deve ser usada (fala, escrita), qual variedade pode/deve ser usada e por quem (língua padrão ou prestígio, um dialeto, etc.), quais gêneros do discurso são permitidos, quais tipos de atos de fala ou quem pode iniciar ou interromper turnos de fala ou sequências discursivas (VAN DIJK, apud. Souza, 2009, p.92).

Segundo as palavras do estudioso acima, de acordo com a visão culta, é como se todos esses processos linguísticos só pudessem ser feitos a partir das normas estabelecidas pelas classes dominantes, detentoras de “poderes”, enquanto que as classes dominadas detivessem apenas “deveres”.

Eble (apud. Rector, 1994, p. 23) afirma que “alguns autores consideram as gírias como uma “antilinguagem”, ou seja, a linguagem de uma anti-sociedade, que estabelece um conjunto de formas linguísticas alternativas em oposição à norma estabelecida”. Ao contrário do que pensam os defensores da norma culta, a gíria é muito mais que uma simples linguagem empregada por grupos específicos, ela é um

fator essencial a seus usuários que não se reconhecem fora de suas comunidades de fala/grupos.

As comunidades, ao fazerem uso da gíria, passam a construir um discurso diferenciado dos demais com os quais convivem no mesmo espaço geográfico, criando características próprias, que geram receio, questionamentos, curiosidade dos de fora do grupo.

Os grupos elitizados acreditam serem os donos da “verdadeira língua”, a “pura e homogênea” e difundem a exclusão social dos grupos adeptos das gírias, criando rótulos pejorativos para os que são contra sua visão, por acreditar que estes atentam contra a variedade culta da língua.

Em todas as sociedades existe sempre um grupo de pessoas, uma classe social ou uma comunidade local específica, que acredita que o seu modo particular de falar a língua é o mais correto, o mais bonito, o mais elegante e por isso, deve ser o modelo que as outras classes e comunidades precisam imitar. Em geral são os moradores das regiões economicamente mais ricas, os habitantes de alto poder aquisitivo dos grandes centros urbanos, os cidadãos com acesso aos melhores meios de escolarização – enfim, aquilo que nas ciências sociais se chama de *classes dominantes* (BAGNO, 2002, p.21).

As classes dominantes propõem tais normas com o intuito de reger os comportamentos sociais dentro das comunidades linguísticas, buscando uma coerção social em relação aos demais falantes. No entanto, não percebem que todas essas normas e “erros” linguísticos, com o passar do tempo, evoluem e se transformam assim como a sociedade em que estão inseridos, pois, nada é imutável e o que não é bem visto hoje linguisticamente, pode ser bem aceito amanhã, como por exemplo, as gírias de grupo que passam a fazer parte das gírias comuns.

Outro ponto que merece destaque é o fato de que essas mesmas classes dominantes quando padronizam o uso correto, atentam contra suas próprias classes, pois, muitas vezes, usam as gírias no dia-a-dia, mesmo sem se darem conta. Para Bagno (2002, p.21):

O preconceito linguístico no Brasil se exerce em duas direções: de dentro da elite para fora dela, contra os que não pertencem às camadas sociais privilegiadas; e de dentro da elite para ao redor de si mesma, contra seus próprios membros. (...) na mentalidade dos brasileiros em geral, e dos falantes urbanos escolarizados em particular, a convicção muito arraigada de que no Brasil ninguém fala bem o português.

Essas classes mais privilegiadas, muitas vezes, demonstram insegurança em relação ao emprego da língua, de maneira que rejeitam seu próprio modo de se comunicarem. Os adeptos das gírias, por sua vez, também manifestam preconceito em torno das normas estabelecidas pelas elites letradas, que muitas vezes não funcionam tão bem nas práticas comunicativas como as gírias.

Os falantes ao usufruírem de “formas diferentes” das “ditadas como corretas”, no caso as “gírias”, produzem a noção de erro para os meios sociais que determinam a norma padrão da língua. Para Possenti (1996, p. 78), “a noção mais corrente de erro é que decorre da gramática normativa: é erro tudo aquilo que foge a variedade que foi eleita como exemplo de boa linguagem”, acabando por gerar discriminações linguísticas aos que fogem as consideradas como “boas normas”, que empregam uma linguagem considerada grosseira e incoerente, como são consideradas as gírias.

Alguns autores, como Câmara Jr.(apud. Rector, 1994 p.83), acreditam e difundem que o vocabulário gírio constitui “um vocabulário parasita, utilizada por membros de grupos que buscam apenas se distinguir dos demais falantes”. Giron (apud. Bagno, 2003 p.20) atribui a escolha de tais atitudes linguísticas ao fato de que “a ausência de perspectiva e a preguiça de leitura se refletem na vida do usuário brasileiro da língua. Ele comete erros, impropriedades, idiotismos, solecismos, barbarismos e, principalmente, barbaridades”. O Dicionário Aurélio (2004, p. 375) apresenta a gíria como “uma linguagem de malfeitores, de malandros”.

Todas essas visões apresentadas por estudiosos demonstram pensamentos retrógrados e limitados dos usos linguísticos, pois tais teóricos não dão importância às variedades linguísticas e aos benefícios que esses usos podem acarretar, por atender as diversas necessidades dos falantes. Muitas vezes não levam em conta também o fato de que ao ser criado/construído um padrão linguístico, constrói-se juntamente com esse padrão o preconceito, pois as classes desfavorecidas, grupos usuários das gírias, quase sempre, não têm acesso a tais regras, empregando uma gramática não padrão (língua materna).

Há ainda autores como Eble (apud Rector, 1994, p.102) que acreditam que a gíria, por ser considerada “periférica com relação a língua, ela faz questão de ocupar um lugar através da diferença. Caracterizando-se por meio da efemeridade, da informalidade e da identidade grupal”. O uso da gíria representa um ato de livre

escolha, ligado mais a fatores sociais do que a aspectos linguísticos. A forma como os falantes dispõem das gírias constitui seu lugar na sociedade, já que, por meio dela encontram uma forma de pregar uma linguagem transgressora e irreverente.

Rector (1994, p. 13), a partir dos preceitos de Bernstein, acredita que “o desenvolvimento de um código restrito, como as gírias, se baseia num conjunto comum de identificações compartilhadas estrita e conscientemente por seus membros, onde se enfatiza a imediatização da relação”, ou seja, as gírias para se fazerem como uma “linguagem de grupo” devem ser aceitas por todos os membros de forma que venham a cumprir todas as funções a elas delegadas, já que tornam-se o principal pilar e instrumento de defesa do grupo que as utiliza, bem como a principal marca de identificação sócio-discursiva.

Os grupos sociais como os jovens, estudantes, marginais, grupos de referência no uso das gírias, as utilizam porque não aceitam se submeter às regras impostas pelas classes mais valorizadas no ato de comunicação. Esses grupos, além de valorizarem suas marcas linguísticas como algo novo e diferente buscam atender às necessidades dos grupos em que se encontram, pois, muitas vezes, as regras estabelecidas pela norma culta não refletem ou atendem às necessidades menos formais da comunicação.

2.3.1 Gírias, jargões e neologismos

Na maioria das vezes, a estigmatização em torno da linguagem, mais especificamente nas gírias, está ligada diretamente ao preconceito social (classe do falante). O fato de os jargões, mesmo constituindo uma variante linguística, um “tipo de gíria”, com as mesmas finalidades, mudando apenas a designação e o meio social em que operam serem bem vistos e mais valorizados, ocorre principalmente por estarem muitas vezes ligados ao topo da pirâmide social e serem utilizados também por grupos de maior status.

O domínio da cultura letrada está ensopado de uma densa teia de valores que produz e mobiliza uma vasta gama de modos de ser, de agir, de pensar e, evidentemente, de dizer [...]. Essa densa teia de valores participa do processo de constituição e funcionamento do universo do imaginário social que recobre os fenômenos linguísticos [...] (FARACO, 2008, apud. Souza, 2009, p. 45).

Assim seria interessante levantarmos a seguinte questão: por que um estudante ou um gari utilizam gírias, enquanto que um médico ou economista, por exemplo, utilizam jargões? Antes de tentarmos solucionar tal questionamento é importante que possamos entender a definição de gírias, jargões e neologismos, já que este também constitui variedade na língua.

A gíria, como já foi mencionado, constitui um vocabulário irreverente, inovador, que tem sua origem sempre ligada a grupos específicos, mesmo que depois se tornem do uso comum de todos, usada principalmente como instrumento de autodefesa e identificação sócio-discursiva. Segundo Fusaro (apud. Delgado, 2003, p.5), “essa linguagem cifrada, inicialmente compreendida apenas por quem faz parte da mesma tribo, é uma forma de defesa e preservação de identidade”.

Os jargões, por sua vez, estão ligados a termos técnicos, científicos, passando a ideia de que os sujeitos adeptos desse vocabulário possuem maior prestígio social, econômico e linguístico. Como os jargões profissionais, encontrados na linguagem empregada por médicos (terapia, clinicamente, prognóstico), jornalista, economistas, advogados (parecer, outorgar, *latu sensu*), entre outras profissões de grande prestígio. “O jargão foi, primeiramente, uma forma de gíria, utilizada em uma comunidade” [...] (DUBOIS, 1998, p. 356).

O neologismo, por se tratar de um processo na criação de palavras e expressões, da reintrodução de palavras antigas no léxico com novo significado, ou ainda adequação de estrangeirismos, está presente nas gírias, auxiliando na construção de seu vocabulário. Para Sorning “O neologismo é consequência de situações comunicativas em grupos que estão sob alguma pressão ou até repressão, e são seus participantes que determinam a adequação do neologismo: mudam a realidade do mundo mudando os nomes” (SORNING, apud. Rector, 1994, p. 110).

Assim essas designações sobre, gíria e jargão servem apenas para dividir um mesmo tipo de variedade, de vocabulário, a partir de classes sociais, e que, mesmos os neologismos, processo presente dentro das gírias e jargões, não são tão estigmatizados como as gírias. Todas essas manifestações linguísticas revelam e estreita relação entre língua e sociedade e são co-responsáveis pela diversidade linguística.

2.4 O discurso da gíria e a identidade social

O homem enquanto falante está intimamente ligado a sua realidade social por meio do seu discurso. Discurso este que diz respeito às práticas da linguagem, pois analisa a língua não enquanto estrutura, mas como acontecimento que produz sentidos sociais. Dessa forma o discurso estabelecido funciona como uma ponte de ligação entre o homem e sua realidade social.

Segundo Orlandi (2010), ao analisarmos o discurso, buscamos compreender como os objetos simbólicos (signos/vocabulários) produzem sentidos, analisando assim, os próprios gestos/atos de interpretação no domínio simbólico, em que o discurso encontra-se intimamente ligado aos usos linguísticos, pois este modela a visão de mundo.

A linguagem, ao refletir a realidade imbricada de uma variedade de interpretações, constitui discursos a partir dos sujeitos que a utilizam e lhe atribuem poder social, linguístico e ideológico. Para Pêcheux (apud. Orlandi, 2010, p.17) “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua funciona”. Essa tríade sujeito-discurso-ideologia está intimamente ligada ao processo de construção da identidade linguística e social, seja ela individual ou de grupo.

As formações discursivas, materialização das formações ideológicas, que são as visões de mundo, tornam-se o principal instrumento de poder para aqueles que por meio da linguagem buscam seu espaço no meio em que vivem. Dentro da ideologia que cada grupo constrói haverá meta, valores e normas, para que através da linguagem os sujeitos atuem em suas práticas sociais para benefício do próprio grupo.

A linguagem, considerada uma instituição social, torna-se o principal pilar na aquisição de conhecimentos e construção de uma visão crítica e discursiva por parte dos falantes, pois toda e qualquer que seja a situação em que o falante empregar sua linguagem, este terá por trás intenções e expressões da vida real.

Para Orlandi “as palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delineia na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória” (ORLANDI, 2010, p. 43). Pois todas

as palavras que usamos se encontram carregadas de poder enunciativo e ideológico, por ser o reflexo do pensamento, mesmo que inconscientemente.

A escolha do discurso por parte do falante é responsável pelo que este quer que seja visto/percebido pelos demais sujeitos diante de sua realidade social e linguística, constituindo assim, sua identidade. A identidade se gera e se reproduz através do discurso, porque se trata de um complexo de crenças opiniões, comportamentos e manifestações afetivas comuns internalizadas no decorrer da socialização (WODAK ET AL. Apud. Abralín, 2010, p. 75).

Os sujeitos que atribuem poder ao seu discurso como instrumento de autodefesa, mesmo sofrendo estigmatização/preconceito, não desistem de empregar sua linguagem irreverente, que já faz parte de sua identidade social, pois eles não se enxergam/encontram fora dela.

O falante através da sua linguagem, de seu discurso, não exterioriza apenas seus pensamentos, mas também concretiza suas ações no meio social em que vive:

A linguagem é pois lugar de interação humana, interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre os interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico. Os usuários de uma língua ou interlocutores interagem enquanto sujeitos que ocupam lugares sociais e “falam” e “ouvem” desses lugares de acordo com formações imaginárias (imagens) que a sociedade estabeleceu para tais regras sociais (TRAVAGLIA. 2008, apud. Souza, 2009, p. 60).

Os falantes se encontram preenchidos dentro do discurso por eles estabelecido, por sua discursividade estar ligada diretamente a seus pensamentos trazendo à tona a realidade social por eles vivenciada. É o caso dos grupos adeptos das gírias, em que as escolhas por eles feitas em torno da linguagem não se referem apenas à capacidade intelectual, mas principalmente às suas relações sociais.

O discurso é a forma como os sujeitos constituem sua visão diante de sua consciência da realidade, a partir das experiências por eles vivenciadas, sejam elas individualmente ou em grupo. Para Fiorin:

O discurso não é, pois, a expressão da consciência, mas a consciência é formada pelo conjunto dos discursos interiorizados pelo indivíduo ao longo de sua vida. O homem aprende como ver o

mundo pelos discursos que assimila e, na maior parte das vezes, reproduz esses discursos em sua fala (FIORIN, 2007, p. 35).

As gírias, foco de nosso estudo, mesmo sofrendo tanto preconceito e estigmatização, detêm um poder discursivo muito forte e importante para aqueles que as usam como ponte de ligação entre eles e sua realidade. Dessa forma, constituem um vocabulário que expressa a visão de mundo de seus usuários, suas identidades sociais, seus desejos e opiniões em que, qualquer que seja a situação em que forem empregadas, sempre haverá por trás ideologias, e estas, repletas de intenções.

2.5 As gírias e o enriquecimento do léxico

As gírias se inserem na variação diastrática e contribuem para o enriquecimento do léxico, seja pelo surgimento ou pela renovação de palavras e expressões linguísticas, passando pelos mesmos processos de construção ocorrentes na norma culta. “[...] uma língua determinada não é jamais, numa época, num lugar e num grupo social dados, idêntica ao que ela é noutra época, em outro lugar e em outro grupo social” (DUBOIS, 1998, p. 608).

As gírias não constituem uma nova linguagem, apenas um novo vocabulário com palavras e expressões que ressurgem, com novas designações, e estas, quando são criadas, passam pelos mesmos processos de estruturação. “Quando espalhada, a gíria está sujeita a mudanças de percurso. A expressão passa de boca em boca, vai ganhando acentos e significados diferentes do original, como numa brincadeira de telefone sem fio” (FUSARO, 2003, apud. Delgado, 2003, p.6). Desse modo, iremos a seguir demonstrar os processos de construção/desenvolvimento desse vocabulário.

No campo fonético-fonológico pode ocorrer, segundo Rector (1994) por exemplo, casos de aférese, *amarra (atar, prender) > (a)marra (cheio de vontade)*, de síncope, “*para > pra*”, casos de elipse, ou seja, omissão de vocábulos no final do sintagma “*fica na sua*”, casos de reduplicação, ao pronunciarmos a expressão *lepo lepo*, (referente ao ato sexual, ou barulho) havendo a repetição de som (onomatopeia). entre outros .

No campo morfológico ocorre, por exemplo, a presença de sufixos aumentativos como *monte > montão*, a presença de sufixos nominais como, “*balada > baladeiro*”, casos de diminutivos como “*um > umzinho*”, processos de composição (justaposição), como em “*boa-vida*” (adj. + subst.), “*mão-de-vaca*” (subst. + subst.), ou também por aglutinação: “*ficadica*”, “*derrepente*”, entre outros.

Na sintaxe, responsável pela relação dos signos entre si, uma das áreas mais difíceis de percebermos a ocorrência de gírias, pode haver casos, como os de acrossemia, ou seja, quando reduzimos palavras ou expressões apenas em siglas como por exemplo, na sigla “*SQN*” (só que não) usada normalmente para negar tudo o que foi dito no início da frase. Na sintaxe pode ocorrer gírias ainda, quando utilizamos o pronome na segunda pessoa do singular com o verbo na terceira, “*tu vai*”, ou, com o “*é*” verbo no singular e o pronome na terceira pessoa do plural, “*é nois*”, expressões em que há a supressão de complementos frasais como, por exemplo, “*ficar com*” ou “*sair pra*”.

No campo semântico e pragmático pode ocorrer, por exemplo, casos de sinonímia como, “*faltar aula voluntariamente > cabular aula, matar aula*”, casos de perífrase como por exemplo para dizer que alguém é “*legal*” usar mais de um vocábulo, “*gente boa*”.

Em relação à linguagem figurada, as gírias podem ser constituídas por meio do processo metafórico, em que ocorre a “transferência de uma palavra para uma esfera semântica que não pertence ao objeto designado, mas em que há uma relação de semelhança entre o sentido próprio e o figurado” (RECTOR, 1994, p. 118). Como por exemplo, “*Todo homem é galinha*”, “*Tenho uma abacaxi pra resolver*”. Podem ser constituídas ainda, através da ironia, como por exemplo, em “*Tu fez essa lindeza?*”, de forma irônica para dizer que tudo saiu errado, que fez besteira, sendo esses exemplos gírias já popularizadas.

Como já foi mencionado, o neologismo, processo de inovação linguística presente na gíria, é de uso frequente, entre eles se destacam os estrangeirismos como, por exemplo, “*make*” (maquiagem), “*self*” (tirar foto de si mesmo), entre outros.

As gírias contribuem para o enriquecimento do léxico, principalmente para a linguagem popular por trazerem palavras e expressões que antes faziam parte apenas de uma linguagem cifrada, de grupo, para uso e gosto popular, e assim, passam a fazer parte da linguagem cotidiana, coloquial, e com o passar do tempo

muitas dessas expressões deixam de ser associadas as gírias. É o caso, por exemplo, da palavra “chato” (animal > pessoa mau humorada) que caiu no uso popular .

O surgimento de novas expressões no ato comunicativo ocorre juntamente com a evolução da sociedade, pois esta, com o passar do tempo, evolui e se reconstrói. O mesmo ocorre na linguagem a partir do surgimento de novas expressões, sendo as gírias um dos principais processos de renovação do léxico. Para Câmara Jr.(apud. Rector, 1994, p. 113), os termos são substituídos por outros de significação aproximada, substituindo assim a forma anterior, cuja força de expressão se desgastara semanticamente.

Com o passar do tempo, mesmo aqueles que se dizem contra o uso das gírias, em algum momento as utilizam, mesmo que inconscientemente, e estas passam a fazer parte da linguagem da maioria dos falantes. Assim, as gírias, como outras variantes lexicais, contribui para a renovação da língua, e conseqüentemente para a linguagem popular, por ser, além de um instrumento de autodefesa e irreverência, uma importante variante no surgimento de novas atitudes linguísticas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa desenvolve-se a partir dos paradigmas da sociolinguística, enfocando a importância das gírias no enriquecimento do léxico e na construção da identidade social e linguística, mesmo sendo uma variante tão estigmatizada pelas classes dominantes. Ela, mesmo sofrendo preconceito, está presente em todas as camadas sociais, tanto nas periferias como na alta sociedade e nos meios de comunicação de massa, tv, rádio, jornais e revistas e principalmente na internet. Realizamos uma pesquisa bibliográfica, uma pesquisa de campo e uma pesquisa documental.

A pesquisa bibliográfica está fundamentada em teóricos como Preti (2000,2004), que traz a questão do fenômeno sociolinguístico gírio entre outros temas, Monteiro (2000), que trata da influência de fatores sociais sobre a língua e de sua heterogeneidade, na visão de Labov, entre outros autores, de suma importância e contribuição como, Alkimim (2001), Bagno (2002,2003), Faraco (2008), Orlandi (2010), Pontes (2011), Possenti (1996), Rector (1994), entre outros, sendo todo esse apanhado teórico parte significativa do trabalho.

A pesquisa de campo se realizou por meio de gravações de falas de um grupo de jovens da igreja católica de cidade de São José do Piauí, jovens alcançando vidas para Cristo (JAVC), a partir das reuniões. A pesquisa documental foi feita por meio de gravações de programas televisivos, Esquentando e O caçador e da seleção de textos da revista Época, Atrevidinha e jornal O Dia.

3.1 Delimitação e levantamento do corpus

A pesquisa trata da análise em torno do uso das gírias, seja na fala ou escrita, de várias classes sociais e presente em várias situações e veículos de comunicação, levando em conta sua contribuição no surgimento de novos vocábulos e na formação da identidade de seus usuários, para assim, demonstrar que todos, até mesmo aqueles que as discriminam, estão em contato com elas e as utilizam nas mais variadas situações de comunicação, no intuito de buscar expressividade durante o ato comunicativo.

Na escolha dos grupos sociais e fontes de coleta de dados levou-se em consideração a necessidade de comprovar o uso de gírias, por várias classes sociais, em vários meios de comunicação e situações e nas modalidades oral e escrita. Sendo assim, foram selecionados como fonte de investigação o Grupo de Jovens JAVC, a minissérie O Caçador e o programa de entretenimento Esquenta, além de três mídias impressas, revista Época, revista Atrevidinha e Jornal O Dia. Deste modo, procuramos enfocar o uso de gírias em outros contextos além da fala.

A primeira fonte para estudo em relação à presença de gírias na fala, foi o grupo de jovens JAVC – Jovens alcançando vidas para Cristo, ligado à Igreja Católica de São José do Piauí, formado por adolescentes entre 13 e 18 anos, todos cursando o ensino fundamental e médio; a segunda fonte de coleta de dados, o programa de entretenimento Esquenta, faz uso de uma linguagem bem popular, para que se possa mostrar o uso de gírias nos meios de comunicação de massa, e por último a série O caçador, com o intuito de mostrar a presença de gírias na fala de polícias e marginais.

A coleta nas três mídias impressas teve como primeira fonte a revista Época, revista de reconhecimento nacional, que utiliza uma linguagem formal, mas com o aparecimento de gírias, como forma de constituir um maior vínculo de intimidade com o leitor, a segunda foi a revista Atrevidinha, voltada para o público jovem com uma linguagem bem coloquial, repleta de neologismos e gírias, e, por último o jornal O Dia que faz uso de uma linguagem bem formal, padrão. A escolha de tais fontes, teve por intenção detectar a presença de gírias também na escrita, por se tratar da modalidade com uma maior preocupação no cumprimento das regras normativas, para assim demonstrar a ocorrência desse vocábulo, mesmo de forma mais velada.

A escolha de tais fontes de coleta de dados deve-se ao fato de querermos comprovar o uso do vocabulário gírio em diversos espaços sociais, desde conversas informais de jovens e adolescentes, programas de TV e obras cinematográficas até revista e jornais impressos, com o intuito de comprovar o emprego e funcionalidade das gírias, mesmos que estas sofram preconceito.

Foi importante a escolha de grupos em que já houvesse ocorrido o uso das gírias, pois, se fossem gerados questionários ou entrevistas, a maioria dos sujeitos não assumiria ter preconceito e nem fazer usos delas.

Quadro 01: Caracterização dos informantes

Fontes de coleta de dados	Presença das gírias	Número de eventos
Programa “Esquenta”	Fala	02 episódios
Série policial “O caçador”	Fala	02 episódios
Grupo de jovens “JAVC”	Fala	02 encontros
Revista Atrevidinha	Escrita	01 edição da revista
Revista Época	Escrita	01 edição da revista
Jornal O Dia	Escrita	01 edição do jornal

Fonte: Tabela elaborada pela autora (2014)

Com análises a seguir, busca-se obter resultados que possam comprovar a utilização e importância desse vocabulário na construção da identidade linguística e social e na linguagem popular dos falantes. De modo que análise se desenvolveu não de forma comparativa, entre falas de grupos fechados (usuários das gírias), mas levando em consideração apenas o uso, para assim mostrar que a gíria é um fator essencial para a heterogeneidade linguística, tanto na fala como na escrita.

Dessa forma, o método utilizado é de caráter qualitativo operando na análise da variação diastrática, por estar ligada a fatores sociais (JAVC, Esquenta), e ainda na variação diafásica, ligada a fatores contextuais, como assunto, lugar, interlocutor (fontes orais e fontes escritas; JAVC, Esquenta, O caçador; revistas, jornal). Conforme André (apud. Souza, 2009, p. 17), a pesquisa qualitativa: “busca a interpretação em lugar da mensuração, a descoberta em lugar de constatação, valoriza a indução e assume que fatos e valores estão intimamente relacionados, tornando-se inaceitável uma postura neutra do investigador”.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A análise de dados é constituída a partir de vocábulos e expressões presentes na fala e na escrita das fontes escolhidas como alvo para o estudo. Tais fontes não são homogêneas, no sentido de “grupos fechados”, pois as gírias aqui analisadas estão presentes em um programa de entretenimento (Esquenta) e uma série (O Caçador) veiculada na Televisão; em revistas e jornal impressos (Época, Atrevidinha e jornal o Dia), e em um grupo de jovens (JAVC), sendo o ultimo o mais restrito da pesquisa e do qual coletamos produções orais.

A escolha das fontes para coleta de dados foi importante com o intuito de que pudesse ser desenvolvida uma análise, que viesse demonstrar o uso do vocabulário gírio, seja na fala ou na escrita, como em todos os meios, seja nos de maior ou nos de menor status social.

É importante ainda destacar a contribuição das gírias para o enriquecimento do léxico, da linguagem popular, uma vez que a maioria das aqui analisadas mudam apenas sua significação para aquele desejado pelo usuário, sem fugir as regras de construção lexical usuais no sistema linguístico como um todo. E no que se referem à eficiência comunicativa, as gírias, dependendo do campo temático, funcionam tão bem quanto a norma culta.

Em nossa análise apresentaremos a classificação das gírias de acordo com a classe gramatical (substantivo, adjetivo, verbo e demais), seu processo de formação, sua significação como vocábulo gírio, bem como o contexto frasal em que foi encontrado. É importante destacar, que as gírias presente na análise, de acordo com a situação em que é utilizada pode possuir outros significados.

- **Substantivos**

PÍRI

Substantivo derivado de outro substantivo, formado a partir do processo de redução vocabular (abreviação) do substantivo piriguete, utilizado apenas com o sexo feminino para designar uma menina namorada. (gíria já popularizada).

“Eita *piri* danada” (JAVC, jun. 2014).

LINDEZA

Substantivo que na norma culta e na coloquial é derivado de um adjetivo. Formado pelo processo de derivação sufixal, acréscimo do sufixo-eza. No entanto, o seu uso no vocabulário gírio se faz por um processo de cunho semântico que consiste da inversão do sentido. Assim o substantivo lindeza é usado de forma irônica para designar feiúra.

“*Ohh lindeza!*” (JAVC, jun. 2014)

PÉROLA

Substantivo formado pelo processo metafórico apelidar ou para designar alguém que fala/falou mais do que deveria.

“La vem o *pérola*”.. / “Soltou uma *pérola*”. (JAVC, jun. 2014)

RODRIGO

Substantivo comum formado a partir de um substantivo próprio pelo processo metafórico para designar alguém que é avarento. A escolha do nome para tal designação deve-se ao fato de um homem que se chamava Rodrigo de conhecimento de todos ser muito avarento, mesquinho.

“Eita como tu é um *rodrigo*”. / “*rodrigo!*” (JAVC, jun. 2014)

CARA LISA

Expressão nominal que passa pelo processo de perífrase ao usar mais de uma palavra para expressar apenas uma. Usada para designar alguém desinibido, cara de pau (outra gíria já popularizada), descarado.

“Tu é um *cara lisa*”. (JAVC, jun. 2014)

FEBRE

Substantivo formado a partir do processo metafórico para designar algo que todos estão gostando, que de tanto sucesso virou “doença”, no sentido figurado.

“Esse sertanejo ta uma *febre*”. (ESQUENTA, jun. 2014)

A GERAL

Expressão substantivada formada pelo processo de derivação imprópria. Importada do léxico do futebol, usada para designar nós, todos, a gente, envolvidos numa mesma questão.

“*A geral* ta falando”./ “*A geral* tem saudade”. (ESQUENTA, jun. 2014)

CANA

Substantivo formado pelo processo metonímico. Nesse caso foi usado para referir-se a alguém que está ou poderá ser preso, detido, ou ainda dizer que alguém é policial. No entanto, dependendo do contexto poderá assumir outros significados, como por exemplo, referir-se a bebida alcoólica.

“Vai que esse ai é *cana*.” (O CAÇADOR, jun. 2014)

ARRASTÃO

Substantivo derivado de um verbo que passa pelo processo metafórico para designar um assalto a muitas pessoas ao mesmo tempo, ou, um assalto onde tudo é levado.

“é um *arrastão*”. (O CAÇADOR, jun. 2014)

BRASUCAS

Substantivo formado pelo processo neológico estrangeirismo lusitano. Usado para designar o brasileiro que mora fora do Brasil ou o torcedor brasileiro.

“*Brasucas* delirantes pelos quatro cantos do país”. (ÉPOCA, jul. 2014)

FARRA

Substantivo usado para designar festa, diversão.

“Por *farras*, ele animava a torcida”. (ÉPOCA, jul. 2014)

MATA-MATA

Substantivo que provêm do futebol, formado pelo processo de reduplicação do verbo “matar”. Usado para designar que os jogos ou a competição de modo geral foram acirrados.

“O *mata-mata* depois da copa”. (ÉPOCA, jul. 2014)

POINT

Substantivo formado pelo processo neológico estrangeirismo pertencente ao inglês, que traduzido para o português e usado como gíria significa o ponto de encontro de amigos, de festas.

“O *point* de festas”. (ÉPOCA, jul. 2014)

OBA-OBA

Substantivo formado pelo processo de reduplicação e onomatopeia. Usado para designar euforia, comemoração.

“Sem *oba-oba* e sem jeitinho”. (ÉPOCA, jul. 2014)

AFFAIR

Substantivo que passa pelo processo neológico estrangeirismo, original do inglês que no português e usado como gíria significa par amoroso, namorado(a), paquera.

“Foi apontada como *affair* do cantor”. (ÉPOCA, Jul. 2014)

NAMÔ

Substantivo formado a partir do processo de redução vocabular (abreviação) do substantivo namorado com a mesma significação, parceiro amoroso.

“Ela e o *namô*...” (ATREVIDINHA, abr. 2014)

CORPITCHO

Substantivo que passa pelo processo morfológico diminutivo para designar um corpo bonito, bem definido.

“Adora mexer o *corpitcho*”. (ATREVIDINHA, abr. 2014)

BFFs

Locução substantivada formada pelo processo de acrossemia e estrangeirismo utilizado pelos adolescentes para designar -“*Best Friends Forever*”, melhores amigos para sempre.

“Uma festa de pijama com as *BFFs*”. (ATREVIDINHA, abr. 2014)

CLICK

Substantivo que passa pelo processo de onomatopeia, por representar o som de quando se tira fotos e usado como gíria com esse mesmo sentido.

“Nesse *click* exclusivo para a Atrê”. (ATREVIDINHA, abr. 2014)

NET

Substantivo formado a partir do processo de redução vocabular (abreviação) do substantivo internet com a mesma significação.

“Os sites mais legais para se jogar na *net*”. (ATREVIDINHA, abr. 2014)

MAKE

Substantivo formado pelo processo neológico estrangeirismo, original do inglês que no português e usado como gíria designa maquiagem.

“Amo as dicas de *make* e cabelo”. (ATREVIDINHA, abr. 2014)

MICAÇO

Substantivo formado a partir do processo de sufixação aumentativa (mico + aço) e pelo processo metafórico de substituição de um elemento humano por uma denominação animal. Aumentativo da gíria “mico”, já popularizada.

“corremos o risco de pagar um *micaço*!” (ATREVIDINHA, abr. 2014)

LOOK

Substantivo formado pelo processo neológico estrangeirismo, original do inglês que no português e usado como gíria designa o estilo de roupa, a roupa ideal, a roupa usada naquela festa.

“Aquele *look* bafônico”. (ATREVIDINHA, abr. 2014)

PAPO

Substantivo formado pelo processo metafórico para designar conversa, diálogo.

“É legal chamar o mentiroso para um *papo*”. (ATREVIDINHA, abr. 2014)

UP

Substantivo formado pelo processo neológico estrangeirismo do inglês que no português e usado como gíria para referir-se a algo inovador, que chama atenção.

“Up!” (O Dia, jul. 2014)

- **Adjetivos**

FLUFLU

Adjetivo que tem sua origem no português não padrão da palavra “infuluência” formado pelo processo de redução vocabular e pelo processo de reduplicação. Usado para caracterizar a fase de alguém que nunca namorou, mas que quer, primeiros desejos sexuais.

“Eita *fluflu*”. (JAVC, jun. 2014)

MASSA

Adjetivo formado pelo processo de aférese amassa (pisar, amassar) > (a)massa, utilizado para classificar que algo ou alguém é bom. Possui o mesmo sentido que a gíria mara (maravilhosa).

“A festa ontem foi *massa*”. / “Tu tava muito *massa* ontem”. (JAVC, jun. 2014)

TOP

Adjetivo formado pelo processo neológico estrangeirismo pertencente ao inglês, que traduzido para o português e usado como gíria significa alguém ou algo especial, que chama a tenção.

“a mais *top* da galáxia”. (ESQUENTA, jun. 2014)

PRA CIMA

Locução adjetiva usada para determinar que alguém está animado, alegre, contente.

“Ele volta mais *pra cima*”. (ESQUENTA, jun. 2014)

GENTE FINA

Locução adjetiva para retratar alguém que é bacana, especial.

“É tão *gente fina*”. (ESQUENTA, jul. 2014)

#SEM3G

Locução adjetiva importada do léxico da internet, formada pelo processo de aglutinação, ou seja, da união de vários termos com apenas um significado. Usada para designar alguém fora de moda, mal vestida.

“Esse é #sem3G”. (ESQUENTA, jul. 2014)

NOS PANO

Locução adjetiva usada para referir-se a alguém bem arrumado, bem vestido.

“A gente quer ta *nos pano*”. (ESQUENTA, jul. 2014)

PIANINHO

Adjetivo no diminutivo pejorativo para referir-se a alguém que fique quieto, no seu canto, que deve apenas obedecer, observar. Gíria construída por meio do processo metafórico, já que constitui uma comparação com o instrumento piano, em dimensões reduzidas, inferiorizado. Assim esse processo opera no plano morfo-semântico.

“A primeira coisa que faço é chegar *pianinho*”. (ESQUENTA, jun. 2014)

SWAG

Adjetivo formado pelo processo neológico estrangeirismo do inglês que no português usado como gíria significa alguém que tem estilo, que chama atenção pelo seu visual.

“É ser *swag*”. (ESQUENTA, jul. 2014)

ALIVIA

Adjetivo formado pelo processo metafórico para referir-se a calma.

“No começo a gente *alivia* pra ganhar seguidores”. (ESQUENTA, jul. 2014)

TA DE MARRA PAPAÍ

Locução adjetiva usada para caracterizar alguém cheio de vontade, de imposição, de querer.

“Cara *ta de marra papaí*”. (O CAÇADOR, jun. 2014)

COROA

Adjetivo formado pelo processo metafórico usado para referir-se a alguém mais velho.

“É um assalto *coroa*”. (O CAÇADOR, jun. 2014)

SACO DE VACILO

Locução adjetiva formada pelo processo de hipérbole, usada para classificar alguém atrapalhado, que faz tudo errado, que se mete em confusão.

“Guarda essa porcaria *saco de vacilo*”. (O CAÇADOR, jun. 2014)

NA PISTA

Locução adjetiva para dizer que alguém está solteiro, disponível, à procura.

“Bela *na pista*”. (ÉPOCA, jul. 2014)

ANTENADA

Adjetivo (particípio) usado para caracterizar uma pessoa como bem informada.

“Achou-se popular e bem *antenada*”. (ÉPOCA, jul. 2014)

DE RESPONSA

Locução adjetiva formada a partir do processo de redução vocabular (abreviação) do adjetivo responsável. Usado com o mesmo sentido, de alguém responsável, de responsabilidade.

“Churrasqueiro tem que ser que nem zagueiro: *De responsa*.” (ÉPOCA, jul. 2014)

SUPERDEZ

Adjetivo formado pelo processo de prefixação (super) para referir-se a algo ou alguém, especial.

“*Superdez!*” (ATREVIDINHA, abr. 2014)

SUPERANIMADA

Adjetivo formado pelo processo de prefixação (super) para referir-se alguém mais alegre, mais feliz.

“É *superanimada* e está sempre na moda”. (ATREVIDINHA, abr. 2014)

TDB

Adjetivo formado pelo processo de acrossemia, ou seja, redução de vocábulos. Usada para designar algo “tudo de bom”.

“A edição do Justin Bieber foi *TDB!*” (ATREVIDINHA abr. 2014)

DOWN

Adjetivo formado pelo processo neológico estrangeirismo do inglês que no português e usado como gíria passa ainda pelo processo metafórico para referir-se aquelas pessoas sem conteúdo. Mais que querem vender outra imagem nas redes sociais.

“*Down*”. (O Dia, jul. 2014)

FLASH

Substantivo que passa pelo processo de onomatopeia, por representar o som de quando se tira fotos e usado como gíria com esse mesmo sentido.

“Um *flash* no querido casal”. (O Dia, jul. 2014)

- **Verbos**

PEGAR

Verbo que passa pelo processo metafórico para referir-se ao ato de paquerar, ou para referir-se a alguém que teve um relacionamento passageiro. Mesmo sentido da gíria “ficar” (já popularizada).

“Ele *pegou* ela na festa mulher”. (JAVC, jun. 2014)

ROLAR

Verbo que passa pelo processo metafórico para referir-se ao ato de acontecer, ocorrer.

“Sempre *rola* essa parada”. (ESQUENTA, jun. 2014)

ARRASAR

Verbo que passa pelo processo metafórico para referir-se ao ato de alguém chamar atenção, de se destacar entre os outros.

“O Luís *arrasa* em qualquer estilo”. (ESQUENTA, jul. 2014)

FECHAR

Verbo que passa pelo processo metafórico para referir-se a algo que ficou combinado, algo feito em parceria.

“*Fechamo a música*”. (ESQUENTA, Jun. 2014)

BOMBAR

Verbo que passa pelo processo metafórico para referir-se a algo ou alguém que fez sucesso, chamou a atenção, repercutiu.

“O risoli *bombou*”. (ESQUENTA, jun. 2014)

“*Bombou no instagram*”. (ÉPOCA, jun. 2014)

MELAR

Verbo que passa pelo processo metafórico para referir-se ao ato de ferrar, de acabar com a situação, com o planejado.

“Você *melô* a operação”. (O CAÇADOR, jun. 2014)

VAZAR

Verbo que passa pelo processo metafórico para referir-se ao ato de alguém contar informações confidenciais, trair os seus, ser desleal.

“Alguém *vazou* na operação”. (O CAÇADOR, jun. 2014)

DESCOLAR

Verbo que passa pelo processo metafórico usado para retratar a desvinculação, a separação de objetos ou pessoas de forma figurada.

“Eles aconselharam a presidente a se *descolar* da copa”. (ÉPOCA, jul. 2014)

- **Conjunções**

TIPO ASSIM

Conjunção explicativa usada para integrar a paráfrase do que foi dito anteriormente. Equivale a por exemplo, ou seja.

“*Tipo assim*, se tu sair agora todo mundo vai perceber”. (JAVC, jun. 2014)

- **Interjeições**

SE LIGA

Locução interjeitiva usada para referir-se a alguém que deve cuidar de si mesmo, parar de falar mal dos outros.

“Oh meu Deus *se liga*”. (JAVC, jun. 2014)

NÃO ENCHE

Locução interjeitiva usada para dizer que não se deve mais incomodar, tirar a paciência de alguém.

“*Não enche tá*”. (ESQUENTA, jun. 2014)

- **Advérbios**

SQN

Advérbio de negação que passa pelo processo de acrossemia utilizado pelos adolescentes que significa - “so que não” - para negar tudo o que foi dito anteriormente, uma forma de ironizar.

“Com certeza vou para a festa amanhã, *SQN*”. (JAVC, jun. 2014)

ME AMARRO

Advérbio de afirmação que passa pelo processo sintático para dizer que alguém gostou de algo, ou de outro alguém.

“Eu adoro, eu *me amarro*”. (ESQUENTA, jun. 2014)

BORA

Advérbio formado pelo processo de redução vocabular da palavra embora.

“Vai, vai *bora, bora*”. (O CAÇADOR, jun. 2014)

As gírias acima analisadas, dentre as demais presentes na língua, contribuem para a construção da identidade de seus usuários, uma vez que, é por meio dos discursos empregados pelos falantes que estes, se impõem na sociedade. A escolha das variadas fontes, tanto na fala como na escrita, vieram a comprovar o uso desses vocábulos em todos os campos sociais e linguísticos.

De acordo com a análise dos vocábulos gírios acima, foi possível perceber que as gírias mais encontradas nas fontes em questão, foram substantivos (vinte e cinco), como por exemplo, “*pérola*”, “*febre*”, “*cana*”, “*mata-mata*”, “*namô*” e “*up*”, ocorrendo em todas as fontes, principalmente na escrita da revista *Atrevidinha* (nove).

Os adjetivos também se apresentaram em grande quantidade (*vinte e um*), como por exemplo, “*fluflu*”, “*top*”, “*coroa*”, “*antenada*”, “*superdez*” e “*down*”, ocorrendo também em todas as fontes, principalmente nas falas do programa *Esquenta* (*oito*).

Os verbos não ocorreram em todas as fontes, mas tiveram em comum o processo metafórico como, por exemplo, “*pegou*”, *JAVC*; “*rola*”, *Esquenta*; “*melô*”, *O caçador* e “*descolar*” na *Época*.

Foi constatado ainda, que o maior número de ocorrências das gírias deu-se principalmente nas falas presentes no programa *Esquenta* (dezesseis), pois, a atração está ligado à linguagem popular e por isso não demonstra uma maior preocupação com o ‘certo’ ou ‘errado’ pregado pela educação formal, já que a fala, na maioria das vezes, é um ato espontâneo. um fato interessante é que a fonte que apresentou a maior quantidade de gírias foi na escrita da revista *Atrevidinha* (doze) que traz uma linguagem bem informal por ter como público alvo adolescentes. Mesmo sendo a presença de gírias bem mais frequentes na fala.

Tanto na fala do *JAVC* como na escrita da revista *Época* a quantidade de gírias foi a mesma (onze), sendo no *JAVC* a maioria substantivos como, por exemplo, “*rodrigo*” e “*lindeza*”, na *Época*, a maioria adjetivos como “*antenada*”. É interessante destacar que o *JAVC* foi a única fonte a apresentar uma gíria conjuntiva, “*tipo assim*”.

Em relação às gírias adverbiais, houve poucas ocorrências (três), “*SQN*” (*JAVC*), “*me amarro*” (*Esquenta*) e “*bora*”(*O caçador*). O mesmo ocorreu em relação às gírias interjeitivas (duas), “*se liga*” (*JAVC*) e “*não enche*” (*Esquenta*).

É importante destacar que o Caçador, mesmo por ser formado por dois grupos (policias e marginais) sempre vinculados ao vocabulário gírio, não apresentou uma grande quantidade de gírias (oito). Isso se deve ao fato de que as falas de o Caçador corresponder a uma oralização da escrita, pois tais falas, antes de serem pronunciadas são escritas em um roteiro, por se tratar de um programa que tem uma preocupação com as falas, já que retratam tema tabu. O que ocorre diferentemente no JAVC, conversas espontâneas, e no Esquentá, já que é um programa ao vivo.

Em relação às gírias presentes na escrita, o jornal o Dia foi a fonte com menor número de ocorrências. Isso se deve ao fato de possuir um maior teor informativo que as demais fontes, e, conseqüentemente, um maior rigor no seu processo de escrita.

Como era de se esperar, o maior número de gírias ocorreu na fala (trinta e cinco), principalmente nas do Esquentá e do JAVC, por se tratarem de atos espontâneos. Mesmo assim, fica evidente a grande quantidade de gírias na escrita (vinte e seis), principalmente nas revistas Época e Atrevidinha, que além de informar tem como função o entretenimento, havendo a diferença de apenas nove vocábulos a menos. Em todos os casos foi possível perceber que as gírias conseguiram atender as necessidades no ato comunicativo, já que a maioria destas aqui apresentadas são gírias comuns, de fácil acesso e compreensão.

Sendo assim, fica evidente que as gírias contribuem para o enriquecimento do léxico, principalmente para a linguagem popular, uma vez que, além de resgatar palavras já em desuso, ressurgindo com novos significados, constitui também novos vocábulos (seja a partir de outros já existentes ou não).

As gírias surgem, na maioria das vezes, primeiramente das classes mais desprestigiadas, sendo os principais usuários desse vocabulário de grupo, dessa linguagem coloquial. No entanto são utilizadas por todos os meios, seja na fala ou na escrita, ou por grupos com maior ou menor status. As gírias contribuem ainda para a identidade do falante, no campo linguístico e social, pois, atrás de cada expressão usada há uma intenção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o desenvolvimento da presente pesquisa, foi possível constatar que as gírias encontram-se presentes em todos os meios sociais, não importa se de maior ou menor status, tanto, na modalidade escrita como falada. Dessa forma fica evidenciado que elas não são utilizadas apenas pelas classes de menor prestígio e por isso não correspondem apenas a variantes desprestigiadas, já que dependendo da situação comunicativa, atendem as necessidades de seus usuários.

É interessante destacar que em relação à presença das gírias nas fontes em análise, não houve uma grande diferença no número de ocorrências, o que demonstra sua funcionalidade, como também, corresponde ao real emprego da língua, pois esta surge principalmente do uso, da conversação e não apenas do emprego de regras.

Seguindo essa linha de pensamento foi possível identificar que o vocabulário gírio contribui para a construção da identidade, por refletir a realidade social e linguística de seus falantes, como também, influenciar na forma de pensar e agir de seus usuários, pois, atrás de cada palavra pronunciada haverá sempre uma intenção, uma ideologia.

Fica evidenciado que as gírias contribuem para a construção da identidade de seus usuários uma vez que reflete seus desejos, anseios e a realidades de seus grupos, nas mais diversas situações comunicativas. Fica evidente também, que esses vocábulos contribuem para o enriquecimento do léxico, principalmente para a linguagem popular por constituírem uma linguagem cotidiana, variável e espontânea, sendo usadas por todos os falantes, nas mais variadas situações comunicativas, além de resgatar vocábulos já em desuso, que ressurgem com novo significado e, às vezes, com nova pronúncia.

Assim é possível constatar em nossa análise que as gírias passam pelos mesmos processos de estruturação, podendo ser classificadas nas classes gramaticais, nos processos de formação, desenvolvendo apenas, novos significados para os mesmos significantes.

A maioria das gírias apresentadas em nossa análise classificaram-se em substantivos (*píri, pérola*), adjetivos (*fluflu, top*) e verbos (*pegar, bombar*) e passaram

principalmente pelo processo metafórico (*rodrigo, alivia, rolar*) em que um vocábulo passa a ser utilizado em outras situações com significado figurado. Todas as fontes apresentaram o uso de gírias, o que comprova que todos os falantes as utilizam, consciente ou inconscientemente, quando essas já fazem parte de seus hábitos, ou seja, da linguagem popular.

É relevante se pensar em mais pesquisas em torno das gírias, já que constituem um vocabulário desvalorizado, estigmatizado, mas que é utilizado, pela maioria dos falantes, o que demonstra sua utilidade e contribuição para real emprego da língua. E no que se refere às formas certas ou erradas de acordo com o padrão formal, as gírias não buscam cumprir esses padrões linguísticos, apenas refletir no comportamento social e linguístico do falante, bem como na construção de sua identidade.

REFERÊNCIAS

ALKIMIM, Tânia Maria, sociolinguística in: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: O que é, como se faz**. 25 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim!** Em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

DELGADO, Luma Carlos. **Análise Lexical: Aspectos sociais na linguagem de revistas para adolescentes**. Disponível em: http://www.inovacaoedesign.com.br/artigos_cientificos/artc_1290032645_76.pdf >. Acesso em: 05. Jun. 2014.

_____ **Dicionário Aurélio**. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2004.

DUBOIS, J.et.al. **Dicionário de linguística**. Trad. Frederico Pessoa de Barros e outros. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. 4 reimpr. São Paulo: Atlas, 2011.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 9 ed. Campinas, SP: Pontes editores, 2010.

PONTES, Herimatéia. **Entre cruzamentos da linguagem, literatura, análise do discurso e educação**. In: NASCIMENTO, Daniel Arruda, PONTES, Herimatéia. (Orgs.) Teresina. PI: Edufpi, 2011.

POSSENTI, Sírio. **Porque (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: mercado das letras: associação de leitura do Brasil, 1996.

PRETI, Dino. **Sociolinguística: Os níveis de fala**. 9 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

PRETI, Dino. **Estudos de língua oral e escrita**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

PRETI, Dino. **A gíria e outros temas**. 4 ed. São Paulo: Editora Edusp, 1984.

RECTOR, Mônica. **A fala dos jovens**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994.

SILVA. Gerson Gonçalves da; Barbosa. Carla Cristina. **Gírias e outras marcas de oralidade: o docente face ao texto com variantes linguísticas**, 2010. Disponível em: <http://inseer.ibict.br/bcs/index.php/bcs/article/viewArticle/66>> Acesso em: 10. Jun. 2014.

SOUZA. Adriane Mendes de. **A norma padrão e o professor de português: representações que orientam as práticas pedagógicas**, 2009. Disponível em: http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6483> Acesso em: 02. Jun. 2014.

SHEPHERD, Tânia; ZYNGIER, Sônia. **Identidades sociais e linguística de corpus, um estudo de três contextos sociais**. In: Revista de Abralín. V. 9, n.1, p.73-87, jan./jun. 2010.

CORPUS BIBLIOGRÁFICO

ATREVIDINHA. São Paulo: Escala nº 84, Abril, 2014.

ÉPOCA. *São Paulo*: Editora Globo, nº 841, julho, 2014.

O DIA. Teresina: ____ 17 de julho, 2014.

ANEXOS



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(x) Monografia
() Artigo

Eu, **Delmira Marques de Sousa**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação *Gíria: Onde a identidade resiste ao preconceito*, de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 26 de Janeiro de 2013.

Delmira Marques de Sousa
Assinatura

Delmira Marques de Sousa
Assinatura